



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - GRAU LICENCIATURA

JEFFERSON FERREIRA DA SILVA

A HISTÓRIA DO FUTEBOL DE CEGOS NO BRASIL

UBERLÂNDIA

2025

JEFFERSON FERREIRA DA SILVA

A HISTÓRIA DO FUTEBOL DE CEGOS NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação em
Educação Física, grau licenciatura, como
requisito à conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Solange
Rodvalho Lima.

UBERLÂNDIA

2025

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui é a realização de um sonho que começou em 2019, quando deixei minha pequena cidade, Canápolis/MG para abraçar os desafios e as oportunidades de uma cidade que parecia imensa. Essa jornada, no entanto, nunca foi solitária, e este trabalho é o resultado do apoio, do amor e da confiança de muitas pessoas a quem dedico minha eterna gratidão.

Aos meus alicerces, meu porto seguro, meus pais e minha irmã. Nenhuma palavra seria suficiente para agradecer por tudo. Vocês foram a base financeira, emocional e afetiva que me permitiu voar. Em cada momento de dificuldade, era o apoio de vocês que me dava forças para continuar, a certeza de que nunca me deixariam faltar nada, especialmente amor e incentivo. Sem vocês, eu simplesmente não estaria aqui hoje. Este trabalho é, antes de tudo, uma conquista nossa.

Ao meu tio Bastião, que com sua generosidade, também foi peça fundamental no suporte financeiro que tornou tudo isso possível. Meu muito obrigado por acreditar em mim!

Aos meus tios Pedrin e Celma, que me deram o primeiro lar em Uberlândia. Cheguei em uma cidade grande, cheio de incertezas, e encontrei em vocês a segurança de uma família. A frase do meu tio, que ficou marcada para sempre em meu coração, “onde come dois, come três”, nunca foi apenas sobre comida; foi sobre acolhimento, sobre partilha e sobre um amor que não mede esforços. Vocês me ensinaram que família é onde o coração se sente em casa.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Solange Rodovalho Lima, minha imensa gratidão pela paciência, pela sabedoria e por me guiar com segurança na reta final deste trabalho. Seus ensinamentos foram cruciais para que este projeto tomasse forma.

A todos os/as professores(as) da Universidade Federal de Uberlândia, agradeço por cada conhecimento compartilhado, por cada aula que abriu meus horizontes e me formou não apenas como profissional, mas como cidadão. À Universidade Federal de Uberlândia, que foi mais que uma instituição de ensino; foi o lugar onde me senti acolhido e onde pude crescer.

Um agradecimento especial a quem me abriu as primeiras portas no mundo profissional.

Ao Hélio, Thiago, Tim, Coração e a toda a equipe do Colégio Nacional, obrigado pela confiança e pela primeira oportunidade de colocar em prática o que aprendia em sala de aula.

Nesta caminhada, encontrei amigos que se tornaram família. À minha grande amiga Roseli, com quem dividi mais do que um apartamento a partir de 2022: dividimos risadas, anseios, contas e, acima de tudo, uma amizade que levarei para a vida. Obrigado por ser meu apoio diário.

À Julianna, e Túlio meus parceiros de jornada acadêmica do início ao fim. Foram inúmeros trabalhos, noites de estudo e desafios vencidos lado a lado. Agradeço especialmente por seus conselhos, que sempre me ajudaram a encontrar o melhor caminho e a não desistir.

A todos as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta história, meu mais sincero obrigado!

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar como constituiu-se a história do futebol de cegos no Brasil, identificando as dificuldades, os avanços e os desafios enfrentados pelos gestores, ex-atletas e técnicos. Trata-se de um estudo de campo de cunho histórico, fundamentado na História Oral Temática. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três protagonistas da modalidade, incluindo gestores, técnico e ex-atletas, para registrar suas memórias e experiências sobre a trajetória do esporte. Os resultados indicam que a modalidade surgiu de forma lúdica em instituições especializadas, evoluindo para o alto rendimento com marcos como a inclusão paralímpica (2004) e o programa Bolsa Atleta. Apesar da profissionalização e da hegemonia brasileira, persistem desafios relacionados à infraestrutura de base e ao financiamento. Conclui-se que a trajetória do futebol de cegos no Brasil representa um importante movimento de inclusão social. O esporte consolidou-se como ferramenta de empoderamento e cidadania e seu fortalecimento futuro depende de políticas públicas voltadas ao esporte de base.

Palavras-chave: Esporte Paralímpico; História Oral; Inclusão Social; Políticas Públicas de Esporte

ABSTRACT: This study aims to analyze the history of blind football in Brazil, identifying the difficulties, advances, and challenges faced by managers, former athletes, and coaches. It is a historical field study based on thematic oral history. Semi-structured interviews were conducted with three key figures in the sport, including managers, a coach, and former athletes, to record their memories and experiences regarding the sport's trajectory. The results indicate that the sport emerged playfully in specialized institutions, evolving towards high performance with milestones such as Paralympic inclusion (2004) and the Athlete Scholarship program. Despite professionalization and Brazilian hegemony, challenges related to basic infrastructure and funding persist. It is concluded that the trajectory of blind football in Brazil represents an important movement of social inclusion. The sport has consolidated itself as a tool for empowerment and citizenship, and its future strengthening depends on public policies focused on grassroots sports.

Keywords: Paralympic Sport; Oral History; Social Inclusion; Sports Public Policies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. MÉTODO	8
2.1 Tipo de Estudo	8
2.2 População	8
2.3 Coleta de Dados	9
2.4 Análise dos Dados	11
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
3.1 Início do Futebol de Cegos no Brasil	11
3.2 Dificuldades e Desafios dos Atletas	12
3.3 Dificuldades e Desafios das Organizações	13
3.4 Avanços	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o futsal é uma das modalidades esportivas mais populares, sendo praticada por pessoas de todas as idades e sua popularidade não se limita aos praticantes, mas abrange uma grande quantidade de torcedores. Conhecido também como futebol de salão, o futsal foi desenvolvido no país nas décadas de 1940 e se espalhou rapidamente por todo o território nacional. Atualmente este esporte é amplamente praticado em escolas, clubes, academias e associações esportivas em todo o país, sendo uma das principais modalidades disputadas em competições escolares e universitárias. O futsal é um esporte que se destaca pela facilidade de execução, uma vez que requer apenas uma bola, um espaço adequado e jogadores/as para que seja realizado. Por sua simplicidade, dinamismo e capacidade de promover a integração entre os/as participantes, tornou-se uma das modalidades esportivas mais populares no Brasil e no mundo, conquistando a preferência de diversas faixas etárias (Coneglian; Silva, 2013).

Além de ser amplamente difundido entre pessoas sem deficiência, o futsal também é praticado por pessoas com deficiência visual, em sua versão adaptada, conhecida como futebol de cegos ou futebol de 5. Segundo a Federação Espanhola de Desportos para Cegos (FEDC, 2004) essa modalidade começou a ser praticada por volta da década de 1920, na Espanha, durante os intervalos em colégios e institutos especializados no atendimento às pessoas com deficiência visual.

O que surgiu como um simples passatempo escolar rapidamente se mostrou altamente atrativo para esse público. Com o tempo, o futebol de cegos ultrapassou os muros escolares e ganhou relevância social, tornando-se um verdadeiro fenômeno cultural e esportivo, integrando a rotina e a identidade de muitas pessoas com deficiência visual. Essa trajetória reflete o papel do esporte como instrumento de inclusão, socialização e manifestação cultural, compreendida no sentido mais amplo da palavra.

As pessoas com deficiência visual buscaram adaptações ao jogo antes mesmo da regulamentação da modalidade. Colocavam tampa de garrafa na parte externa de uma bola; saco plástico como revestimento; chutavam latas ou tampas; colocavam pedras dentro de garrafas plásticas; inventavam "bolas" que produzissem som quando em deslocamento (Fontes, 2006; Itani, 2004; Maturana *et al.*, 2005).

Este esporte faz parte das modalidades que compõem os Jogos Paralímpicos desde o ano de 2004, quando foi oficialmente introduzido nos Jogos Paralímpicos de Atenas,

sob a forma do futebol de cegos, ou futebol de 5, e desde então passou a integrar o calendário paralímpico internacional.

Segundo informações do Comitê Paralímpico Brasileiro, o futebol de cegos é uma modalidade exclusiva para atletas com deficiência visual da classe B1, ou seja, cegos totais ou com percepção de luz, mas sem definição de formas de objetos. As partidas são realizadas, em sua maioria, em quadras de futsal adaptadas com barreiras (bandas) laterais, que evitam a saída da bola e mantêm a fluidez do jogo. Desde sua inserção nas Paralimpíadas, a modalidade também passou a ser disputada em campos de grama sintética. A modalidade esportiva abordada neste trabalho é conhecida por dois termos principais: "Futebol de 5" e "Futebol de Cegos". Historicamente, o termo "Futebol de 5" foi consolidado como a nomenclatura oficial pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC), enquanto "Futebol de Cegos" era a designação popularmente difundida no Brasil. No entanto, essa distinção passou por uma mudança no cenário nacional. Em 2022, a Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), entidade máxima do referido esporte no país, anunciou a adoção oficial do termo Futebol de Cegos. A alteração teve como objetivo, segundo a própria confederação, "facilitar o entendimento do público em geral e simplificar a associação do nome do esporte à modalidade", uma vez que a terminologia anterior frequentemente gerava dúvidas fora da comunidade paralímpica (Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais, 2022). Diante dessa atualização e para alinhar-se à denominação oficial vigente no Brasil, este trabalho adota a nomenclatura Futebol de Cegos.

Atualmente, não existem competições nacionais oficiais voltadas para mulheres cegas, apenas iniciativas isoladas. No entanto, há um movimento em curso para estabelecer a categoria feminina como obrigatória em competições internacionais, com apoio de políticas públicas, como emendas parlamentares.

A estreia do futebol de 5 nos Jogos Paralímpicos foi marcada pela vitória da Seleção Brasileira em Atenas 2004, ao vencer a Argentina nos pênaltis por 3 a 2. Desde então, o Brasil se tornou referência internacional, conquistando também os títulos de campeão nas Paralimpíadas de Pequim 2008, Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020, sendo hoje pentacampeão paralímpico. O primeiro gol da história da modalidade nos Jogos Paralímpicos foi marcado pelo atleta Nilson Silva, homenageado após seu falecimento em 2012 (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023).

O futebol de cinco oferece algumas qualidades específicas, como

correr, saltar, chutar e driblar, que, combinadas com o conjunto de movimentos e ações motoras, criam situações adversas e despertam a criatividade dos praticantes, promovendo o prazer e a vontade pela prática. (Farias, *et al*, 2012).

O interesse pela temática deste estudo, surgiu ao vivenciar a disciplina Futebol e a disciplina de Educação Física e Deficiência, no curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, quando estudamos sobre modalidade Futebol de Cegos.

Um levantamento bibliográfico permitiu identificar alguns estudos sobre a modalidade. A título de exemplo, citaremos alguns a seguir.

O trabalho de Itan (2005) investigou a prática do futebol entre pessoas com deficiência visual, contextualizando o processo histórico e o desenvolvimento do esporte no Brasil. O autor concluiu que o futebol de cinco se apresenta como uma das modalidades adaptadas que mais cresce no país, impulsionada pela afinidade cultural dessa população com o futebol e pelo esforço contínuo das instituições envolvidas. O autor reforça ainda a importância do esporte como ferramenta de inclusão, socialização e reconhecimento da identidade esportiva da pessoa com deficiência visual.

Morato, Gomes, Duarte e Almeida (2011) tiveram por objetivo descrever e analisar as estratégias utilizadas pelos jogadores cegos na leitura de jogo durante as partidas. Eles concluem que o desenvolvimento dessas estratégias é essencial para a atuação dos jogadores cegos dentro de campo, pois favorece a construção de um senso espacial refinado, essencial para a tomada de decisão, o posicionamento e o desempenho técnico-tático no jogo. O estudo reforça a complexidade e o nível de sofisticação presentes no futebol para cegos, destacando a importância do treinamento específico e da comunicação integrada entre atletas, técnicos e guias

Apesar da contribuição destes estudos não há publicações que dizem respeito a sua história, estrutura, avanços e desafios enfrentados no Brasil, a partir dos depoimentos dos sujeitos que participaram desta construção histórica.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar como constituiu-se a história do futebol de cegos no Brasil, identificando as dificuldades, os avanços e os desafios enfrentados pelos gestores, ex-atletas e técnico.

Este estudo visa contribuir para a compreensão sobre a história do futebol que não está registrado em documentos, mas na memória das pessoas que vivenciaram sua construção. Ele poderá colaborar com o conhecimento sobre os desafios enfrentados pelos

dirigentes, ex-técnicos e ex-atletas com deficiência visual da modalidade, bem como seus avanços ao longo de sua história.

Além disso, busca preencher a lacuna de conhecimento existentes na literatura sobre essa modalidade esportiva, fornecendo informações valiosas para a comunidade acadêmica, profissionais de educação física, entidades esportivas e pessoas que se interessam pelo assunto.

2. MÉTODO

2.1 Tipo de Estudo

O estudo apresenta características de um estudo de campo de cunho histórico. A coleta de dados primários deu-se diretamente com as pessoas que atuaram como gestores, ex-atletas e técnico, por meio de entrevistas que permitiram acessar suas memórias e experiências no futebol de cegos no Brasil. Essa abordagem empírica foi consubstanciada em uma revisão bibliográfica, que forneceu a base teórica e contextual para a análise das narrativas coletadas, permitindo um diálogo entre a teoria e os relatos dos entrevistados.

Por se tratar de um tema cuja construção histórica não está amplamente registrada em documentos oficiais ou acadêmicos, o estudo de campo assume papel fundamental para reconstruir trajetórias, revelar nuances da prática esportiva e compreender processos identitários e institucionais que compõem a modalidade. Assim, o estudo adota uma perspectiva qualitativa interpretativa, que busca a compreensão profunda dos sentidos atribuídos pelos sujeitos à sua própria experiência.

2.2 População

Participaram da pesquisa três pessoas que atuaram em posições centrais para o Futebol de Cegos no Brasil, sendo elas: um ex-gestor do Comitê Paralímpico Brasileiro; um ex-atleta e um ex-técnico da Seleção Brasileira.

A escolha desses participantes obedeceu ao critério de relevância histórica e representatividade no desenvolvimento do Futebol de Cegos no Brasil. A variação dos perfis permitiu captar múltiplas perspectivas sobre a modalidade, reforçando a capacidade interpretativa da História Oral Temática ao abordar um fenômeno social por meio de seus protagonistas.

2.3 Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu em duas etapas: levantamento bibliográfico e entrevista semiestruturada. O levantamento bibliográfico teve como objetivo contextualizar historicamente o Futebol de Cegos e fundamentar teoricamente a pesquisa. Foram consultadas fontes como livros, artigos acadêmicos, legislações esportivas, materiais institucionais e publicações, em língua portuguesa, disponíveis em bases de dados digitais.

A entrevista semiestruturada foi pelo método da História Oral Temática, o qual permite melhor aproveitamento para responder os questionamentos levantados nesse trabalho. Segundo Meihy (2002), este método é um recurso usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos, sendo sempre uma história do tempo presente e reconhecida como história viva.

Este autor ressalta que a história oral permite a apreensão de narrativas feitas por meios eletrônicos e destinadas a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato, que podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural. Ela é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos.

Segundo Alberti (2004, p. 25), a História Oral se faz com a memória, e esta, por sua vez, é seletiva e não linear. “[...] Não se trata de uma simples gravação de depoimentos, mas sim de um trabalho de produção de sentido sobre o passado e sobre a memória, a partir da interação entre pesquisador e entrevistado”. Neste sentido, Souza (2020, p. 25) afirma que o contato direto no método da história oral “...permite ao pesquisador compreender a perspectiva dos entrevistados e os significados que atribuem aos eventos que vivenciaram”.

A História Oral Temática diferencia-se de outras modalidades de história oral por se concentrar em um assunto específico, sem pretensão de narrar toda a vida do colaborador. Dessa forma, ela recorta a experiência dos entrevistados a partir de um eixo central — neste estudo, o desenvolvimento do Futebol de Cegos no Brasil — permitindo aprofundar aspectos que nem sempre aparecem em fontes documentais.

Assim, a História Oral Temática não busca apenas registrar eventos, mas revelar como os sujeitos os viveram, interpretaram e ressignificaram ao longo do tempo. No caso do Futebol de Cegos, esse método é particularmente adequado por tratar-se de uma

modalidade ainda em consolidação, cujo registro oficial é escasso, tornando as memórias individuais fontes fundamentais para a construção da sua história

Para as entrevistas, neste estudo, partiu-se de um “ponto zero”, que conforme Meihy e Holanda (2015), é uma espécie de marco, um momento a partir do qual as entrevistas devem ser motivadas. Ele serve como guia para o roteiro de perguntas e como baliza para a organização das narrativas, conferindo um ponto de partida comum a todos os depoimentos. Ou seja, o colaborador que conhecia a história do grupo orientou o andamento das demais entrevistas.

Assim, a primeira entrevista foi com o ex-atleta e dirigente de uma associação esportiva de pessoas com deficiência visual. Este entrevistado indicou mais duas pessoas para as próximas entrevistas, sendo um ex-gestor do Comitê Paralímpico Brasileiro e um treinador da seleção brasileira de Futebol de Cegos.

Foi elaborado um roteiro de entrevista tendo em vista os objetivos estabelecidos neste estudo. As questões abertas, seguiram o que recomenda Thompson (2002) sobre alguns princípios básicos, que se aplicam a este instrumento. Segundo ele, as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum.

As entrevistas foram compostas por questões abertas, garantindo que os tópicos centrais do estudo fossem abordados com todos os participantes, ao mesmo tempo em que ofereciam flexibilidade para aprofundar respostas e explorar temas emergentes durante a conversa. Foram organizadas em dois eixos temáticos:

- **Parte 1 – História e Formação:** investigou-se o contato inicial dos participantes com a modalidade, experiências marcantes, evolução da modalidade e eventos importantes no cenário nacional e internacional.
- **Parte 2 – Dificuldades, Avanços e Desafios:** exploraram-se os principais obstáculos enfrentados, como a ausência de patrocínio, visibilidade na mídia, infraestrutura inadequada e limitações nas políticas públicas. Também foram abordados os avanços percebidos nos últimos anos.

Como determina o método da história oral, a coleta de dados foi realizada em três etapas:

1. Gravação das entrevistas;
2. Elaboração do documento escrito;
3. Análise.

Essa metodologia permitiu uma abordagem abrangente e aprofundada, revelando a história do Futebol de Cegos no Brasil a partir das experiências e perspectivas dos indivíduos que desempenharam papéis-chave na modalidade.

Foi mantido contato com os participantes para combinar a forma como a entrevista seria realizada e o horário mais adequado à sua realização. Conforme conveniência e concordância dos mesmos, a entrevista foi de forma remota, por meio da plataforma digital *Microsoft Teams* e pelo aplicativo *WhatsApp*, e foi realizada entre os meses de janeiro e março do ano de 2025. A entrevista iniciava-se com uma breve introdução ao tema e aos objetivos da pesquisa. Após receber a permissão de cada um para a gravação, seus relatos foram gravados e registrados. Em média, cada entrevista durou cerca de cinquenta minutos.

2.4 Análise dos Dados

As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente por meio da plataforma *Microsoft Teams*, em forma de texto, respeitando a fidelidade das falas, garantindo a integridade do conteúdo e possibilitando uma análise detalhada dos relatos.

A análise seguiu os princípios da análise temática em diálogo com a História Oral, considerando tanto o conteúdo explícito das narrativas quanto os sentidos subjetivos que emergem do discurso. Os depoimentos foram examinados à luz do referencial teórico, permitindo identificar elementos recorrentes, tensões, rupturas e continuidades na trajetória do Futebol de Cegos no Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com as entrevistas e complementados com a revisão bibliográfica, serão apresentados a seguir. Para manter o anonimato, quando necessário, os participantes serão identificados como E1, E2 e E3.

3.1 Início do Futebol de Cegos no Brasil

Os entrevistados relataram que o Futebol de Cegos teve início nas instituições especializadas para pessoas com deficiência visual, como institutos de cegos, instituições educacionais e de reabilitação para pessoas com deficiência visual. A prática começou de forma lúdica, com adaptações improvisadas, como o uso de tampas metálicas coladas em

bolas ou bolas artesanais com guizos que faziam barulho e pelo qual se orientava o jogador.

“Foi nos institutos de cegos que a modalidade realmente surgiu e se fortaleceu.”

(E1)

"O instituto Padre Chico, por exemplo... Tínhamos o futebol, futebol de lata ou futebol que tínhamos como objeto principal, ou seja, a bola, uma tampa de lata... que o contato com o solo, fazia barulho e a rapaziada. A garotada jogava futebol com aquilo."

(E2)

Com o passar do tempo, foram organizando-se competições com a modalidade entre estas instituições, o que estimulou a criação de regras e estruturas mais formais. Esse processo de estruturação teve seu auge na década de 1980, que se tornou um período fundamental para a modalidade no país. O principal marco deste período foi a criação da Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), no ano de 1984, seguida pela realização da primeira Copa Brasil no mesmo ano. Essa organização, segundo um dos entrevistados, foi impulsionada pela determinação dos próprios praticantes.

Posso te afirmar, sem nenhum medo de errar, que o desporto da pessoa com deficiência teve seu início pela vontade, pelo interesse, pelo desejo, pela gana, pela garra daquelas pessoas [...]. A vontade e a gana de todos os envolvidos nesse movimento sempre foi o maior combustível para tudo isso. (E2).

Contudo, é importante ressaltar que, no cenário internacional, o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) reconhece como o primeiro campeonato oficial entre clubes o torneio ocorrido na Espanha, em 1986 (Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais, 2025).

3.2 Dificuldades e Desafios dos Atletas

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas diretamente pelos atletas, os relatos indicam desafios em múltiplas esferas. Os entrevistados relataram uma série de desafios contínuos, começando pelas dificuldades práticas de acesso a locais de treino apropriados e ao transporte adaptado.

A primeira dificuldade é o acesso aos meios, né? Então, ou seja, local para treinar, a possibilidade, o deslocamento. Lembrando que a criança com deficiência depende da família e nem sempre a família pode levar. Soma-se a ausência de política de transporte público para apoiar, e a formação de professores. (E1)

Estes obstáculos foram agravados por barreiras sociais, como o preconceito e a subestimação de suas capacidades, que ainda hoje, resultam na baixa visibilidade da modalidade e dificulta o surgimento de novos interessados em sua prática.

O primeiro grande desafio foi o reconhecimento da sociedade. No primeiro momento, não se entendia a pessoa cega como uma praticante de esporte, então era um espanto gigantesco. Cheguei a ouvir: 'Para com isso, não! Coitadinhos, não deviam ser expostos a isso'. (E2)

Além disso, um desafio complexo para o futuro do esporte é a dificuldade em descobrir novos talentos, pois com a inclusão em escolas regulares, houve a diminuição da concentração de jovens com deficiência visual em instituições especializadas, onde tradicionalmente eram encontrados. Houve também redução no número de pessoas com cegueira total, reflexo dos avanços da medicina.

Outra dificuldade muito grande é a renovação. Infelizmente, muitos clubes não trabalham a base porque dá muito trabalho. Você tem que rodar o Brasil todo para achar atletas, porque hoje, com a inclusão, os alunos estão nas escolas convencionais, não mais concentrados nos institutos. (E3)

3.3 Dificuldades e Desafios das Organizações

As dificuldades enfrentadas pelas organizações ligadas ao Futebol de Cegos no Brasil passaram de uma fase de precariedade absoluta para desafios mais complexos de gestão e sustentabilidade. Na fase pioneira da modalidade, os desafios eram de natureza fundamentalmente material e estrutural. Os relatos descrevem um cenário de extrema precariedade, marcado pela falta de financiamento para custear despesas básicas como transporte, alimentação, uniformes e alojamentos adequados durante as competições, estes muitas vezes eram improvisados e distantes do padrão hoteleiro atual.

A gestão era amadora, com técnicos que atuavam sem remuneração. A preparação para os campeonatos não seguia um planejamento, pois os treinamentos aconteciam apenas em períodos pré-competitivos. Faltavam ainda elementos essenciais como um sistema formal de classificação da deficiência, locais adequados para os treinos e até mesmo a bola sonora padronizada. Nesse contexto, era comum que os atletas competissem em outras modalidades, além do Futebol de Cegos, evidenciando a falta de especialização na modalidade.

Com a profissionalização os desafios mudaram. Embora a precariedade do passado tenha sido em grande parte superada, atualmente, as organizações enfrentam obstáculos relacionados à gestão e ao financiamento sustentável, ou seja, precisam garantir que os recursos financeiros não apenas existam hoje, mas sejam contínuos e bem administrados para manter o alto nível de desempenho e a infraestrutura no longo prazo.

Um dos principais pontos mencionados é a dificuldade na captação de patrocínios de instituições privados, um desafio que persiste desde as primeiras competições. Este muitas vezes é associado ao estigma da deficiência e à crença de que o paradesporto não possui potencial mercadológico. Os depoimentos a seguir, ilustram esta realidade.

"Uma dificuldade também era a mídia, que não abria espaço, não tinha divulgação para a modalidade. Então, até para conseguir um patrocínio... como conseguir patrocínio se a marca da empresa não vai aparecer? Era matar um leão todos os dias." (E3)

"Nós não temos outros recursos senão o governamental. O patrocínio privado ainda é pequeno. Os empresários, quem sabe, ainda não perceberam que o paradesporto pode ser, sim, um filão de divulgação gigantesco para sua empresa." (E2)

A gestão ainda é um desafio, com relatos sobre a influência de relações políticas em processos decisórios e a presença de gestores sem formação técnica adequada, o que prejudica a profissionalização. Por fim, surge uma preocupação com a sustentabilidade do esporte, manifestada na dificuldade de renovação de atletas e na baixa adesão de clubes ao trabalho com categorias de base, um ponto crítico para o futuro da modalidade.

3.4 Avanços

Os avanços do Futebol de Cegos no Brasil podem ser compreendidos a partir de uma série de marcos institucionais, competitivos e de políticas públicas que, juntos, transformaram uma prática lúdica em um esporte de alto rendimento. A trajetória que se inicia no ano de 1984 com a criação da Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC), hoje Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), foi crucial para, no mesmo ano, viabilizar a participação pioneira de atletas cegos em outras modalidades nas Paralimpíadas de Nova Iorque. Embora o Futebol de Cegos ainda não fosse um esporte oficial, essa iniciativa plantou a semente para sua futura profissionalização e culminou, em 1998, na afirmação da hegemonia brasileira, quando o país sediou e venceu o primeiro Campeonato Mundial na cidade de Paulínia (SP), título que ampliou a visibilidade e acelerou a consolidação da modalidade.

Outro marco decisivo para o avanço da modalidade, ocorreu no ano de 2004, com a inclusão do esporte no programa dos Jogos Paralímpicos de Atenas. A estreia não poderia ser mais emblemática: além da visibilidade global gerada pela mídia e patrocinadores, a seleção brasileira conquistou a medalha de ouro. Esse sucesso gerou um impacto imediato e transformador com a implementação do programa Bolsa Atleta pelo Governo Federal no ano seguinte, em 2005. O benefício revolucionou a carreira dos jogadores, garantindo-lhes uma renda mensal que permitiu a dedicação exclusiva aos treinos e à preparação, estabelecendo um ciclo onde melhores resultados atraíam mais apoio e geravam conquistas ainda mais expressivas.

A evolução foi lenta. Em 2005 veio o Bolsa Atleta federal. Mas os atletas só vieram a ter um patrocínio da seleção no ciclo de 2013 a 2016, quando a Loterias Caixa passou a patrocinar. [...] Aí realmente começou a virada de chave e hoje são todos profissionais. (E3)

Além do apoio direto aos atletas, a estruturação financeira da modalidade foi consolidada por meio de patrocínios públicos e privados. O convênio entre o Comitê Olímpico Brasileiro e a Caixa Econômica Federal, permitiu o investimento das Loterias Caixa, desde o ano de 2003 como principal patrocinadora do paradesporto nacional, garantiu a base de recursos para a CBDV organizar o calendário de competições, custear fases de treinamento e financiar a participação em torneios internacionais. A esse suporte somaram-se patrocínios privados, que conferiram ainda mais credibilidade e popularidade ao esporte.

Esta base financeira foi acompanhada por um legado de infraestrutura com a inauguração do Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo, em 2016. Considerado um dos mais modernos do mundo, o referido centro passou a oferecer as condições ideais para a preparação das seleções, com quadras oficiais, alojamento e um centro de ciências do esporte.

Finalmente, os avanços manifestam-se também no desenvolvimento técnico e na crescente visibilidade social da modalidade. A profissionalização das equipes passou a incluir comissões técnicas multidisciplinares, com fisioterapeutas, fisiologistas e psicólogos, elevando o nível de preparação a um patamar de excelência. Aliado a isso, o desenvolvimento de categorias de base começou a garantir a renovação e inserção de novos atletas e a sustentabilidade das conquistas. Esse sucesso em campo ganhou as telas, com o aumento da transmissão de jogos na mídia tradicional, o que não apenas ampliou

o reconhecimento público da modalidade, mas também fortaleceu seu papel como ferramenta de inserção e valorização social dos atletas com deficiência visual.

Os entrevistados apontaram avanços significativos na organização e gestão da modalidade, a começar pelo fortalecimento da própria confederação, com uma administração mais transparente e orientada para resultados. Essa evolução permitiu a organização de um calendário nacional de competições, como a Liga Nacional, e a formação de comissões técnicas multidisciplinares (com fisioterapeutas, profissionais de Educação Física e fisiologistas). A profissionalização também alcançou a preparação dos atletas, que passaram a contar com avaliações físicas e prescrição de treinos elaborados por treinadores (professores de Educação Física) baseados em dados científicos para otimizar o alto rendimento. Por fim, esse ciclo de melhorias culminou no incremento das bolsas esportivas, que hoje apoiam desde a categoria de base até a categoria profissional, garantindo a sustentabilidade do esporte.

Ao sintetizar os relatos, vale ressaltar que, segundo os entrevistados, o acesso ao esporte na infância é um pilar para o desenvolvimento de pessoas com deficiência. Os participantes apontaram como crucial a implementação de políticas públicas voltadas à inclusão, ao fornecimento de materiais adaptados, como a bola com guizo, e à capacitação contínua dos/das professores/as de Educação Física. Segundo eles, o esporte atua para além da esfera competitiva, consolidando-se como uma ferramenta poderosa para a promoção da autoestima, da inclusão e do desenvolvimento integral do indivíduo. O relato a seguir, ilustra este entendimento.

Qual o significado? É o significado da inclusão de verdade, você possibilitar, você permitir. [...] A gente precisa ter mais escolinhas de futebol para cegos e isso depende de política pública, depende de uma educação física escolar verdadeiramente inclusiva. [...] As pessoas se sentem realmente iguais, eu falo porque como eu pratiquei, me sentia, nossa... sensacional. (E1)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como constituiu-se a história do futebol de cegos no Brasil, identificando as dificuldades, os avanços e os desafios enfrentados pelos gestores, ex-atletas e técnicos. A análise das entrevistas permitiu identificar três eixos principais: (1) formação histórica da modalidade, (2) dificuldades e desafios enfrentados por atletas e organizações e (3) avanços.

Os relatos dos depoentes permitem concluir que a história do futebol de cegos no Brasil revela não apenas o surgimento e a consolidação de uma modalidade esportiva, mas também a construção de um movimento social que tem contribuído significativamente para a inclusão de pessoas com deficiência visual no cenário esportivo e na sociedade como um todo.

A partir dos relatos dos entrevistados, foi possível compreender como o futebol de cegos emergiu de forma espontânea nas instituições especializadas, se desenvolveu por meio do esforço coletivo dos próprios atletas e educadores, e alcançou o reconhecimento internacional com a sua inclusão nos Jogos Paralímpicos.

As dificuldades enfrentadas ao longo dessa trajetória foram muitas e complexas, indo desde a falta de acesso a espaços adequados, transporte e profissionais capacitados, até os desafios de gestão nas entidades esportivas e a escassa visibilidade na mídia. Ainda assim, os avanços obtidos a partir dos anos 2000, como o patrocínio público e privado, a criação de centros de treinamento, pagamento de bolsas esportivas, profissionalização da modalidade e maior apoio do Governo Federal, demonstram o potencial transformador do esporte na vida de pessoas com deficiência.

A pesquisa também evidenciou que, apesar dos avanços, ainda existem desafios importantes a serem superados, como a implementação efetiva da categoria feminina, o fortalecimento da base para a formação de novos atletas e a garantia de oportunidades de iniciação esportiva desde a infância, especialmente nas escolas regulares, que hoje acolhem a maioria das crianças com deficiência, incluindo as que apresentam deficiência visual.

Com base nos depoimentos colhidos, fica evidente que o futebol de cegos não deve ser compreendido apenas como uma prática esportiva adaptada, mas como um instrumento de empoderamento, identidade e cidadania. A continuidade e o fortalecimento dessa modalidade dependem do desenvolvimento de políticas públicas que invistam no esporte de base, para a formação de novos atletas, bem como na formação de profissionais qualificados para desenvolverem a Educação Física e o esporte com pessoas com deficiência, especialmente no contexto escolar, onde estão as crianças e jovens com deficiência.

O futuro do futebol de cegos no Brasil será promissor se houver o investimento em políticas públicas voltadas ao desenvolvimento do esporte no contexto nacional, especialmente se voltadas às pessoas com deficiência visual, bem como se continuar sendo pautado por respeito, acessibilidade, representatividade e, sobretudo, pela escuta

ativa das vozes que há décadas lutam por uma participação no esporte mais democrática e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONEGLIAN, Juliana Cavestré; SILVA, Eduardo Rodrigues da. A importância da prática do futsal na Educação Física escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 18, n. 181, jun. 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd181/a-pratica-do-futsal-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS (CBDV). **Futebol de Cegos**. CBDV, 2025. Disponível em: <https://www.cbdv.org.br/modalidades/futebol-de-cegos>. Acesso em: 10 set. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS (CBDV). **Não sou só eu que mudei, o fut5 também!** Brasília, DF: CBDV, 22 jul. 2022. Facebook: @cbdvooficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/cbdvooficial/posts/5189000294457478/>. Acesso em: 10 set. 2025.

COMO FAZER uma entrevista de pesquisa? Um guia passo a passo. **Portal Insights**, 20 maio 2024. Disponível em: <https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/como-fazer-uma-entrevista-de-pesquisa>. Acesso em: 13 fev. 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Futebol de cegos**. Brasília, DF: CPB. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/modalidades/futebol-de-cegos>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FARIAS, M. L.; BARBOSA, A. S.; SOUZA, R. P.; OLIVEIRA, A. S.; SOUZA, A. C. Futebol para cegos: qualidades específicas do futebol de cinco. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 29., 2012, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: [s. n.], 2012.

FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE DEPORTES PARA CIEGOS (FEDC). **Deportes: Fútbol sala: historia**. Madrid: FEDC, 2004. Disponível em: <http://www.fedc.es>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FONTES, S. M. **Futebol de cinco**: uma análise sobre a história e desenvolvimento da modalidade no Brasil. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ITAN, Daniela Eiko. **Futebol de cinco**: um esporte possível para cegos. 2005. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MATARUNA, L.; OLIVEIRA FILHO, C. W. de; FONTES, M. S.; ALMEIDA, J. J. G. de. Inclusão social: esporte para deficientes visuais. In: DA COSTA, L. (org.). **Atlas do**

esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Caminhos e descaminhos da história oral.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **Manual de história oral.** 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. A leitura de jogo no futebol para cegos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 97–114, jul./set. 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.17261. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/17261>. Acesso em: 25 abr. 2025.

NELSON, Ricardo Lema. **A representação social do futebol para cegos na mídia impressa.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000910027>. Acesso em: 16 mai. 2025.

PIRES, Flávia; CASTRO, S. F.; ARAÚJO, K. M. Práticas de literacia de estudantes com deficiência visual na educação superior. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 51, e07432, 2021. DOI: 10.1590/1982-03052021000100088. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052021000100088. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOUZA, V. L. M. A pesquisa em história oral: conceitos e práticas. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 2., 2020, [S. l.]. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2020. v. 2, n. 1, p. 21-30.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.